COMENTÁRIOS

ALGODÃO

Apenas uma boa produtividade poderá garantir a remuneração do produtor

A atual safra de algodão da região Centro-Sul deverá apresentar uma redução de aproximadamente 2,5% em sua produção final, em relação à safra precedente. A principal causa para esta redução foi a retração ocorrida na área plantada com a malvácea nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, como pode ser verificado no Quadro 1.

O estado do Paraná, maior produtor da região, deverá colher este ano uma safra de cerca de 591 mil t de algodão em caroço, quase 2% maior do que a anterior, embora o rendimento médio esperado seja um pouco inferior ao conseguido em 1981, quando foram obtidos 1.900 kg/ha. Dentre os principais fatores que podem explicar a decisão do produtor paranaense de plantar mais algodão em 1981* estão: a) a liberação de terras anteriormente dedicadas à cafeicultura, pois um número significativo de pés de café foi erradicado, devido à geada e b) os excelentes rendimentos obtidos na safra 1980/81, que, praticamente, impediram que os baixos preços praticados no mercado, a partir de maio, reduzissem de forma substancial a remuneração do produtor, o que resultaria, naturalmente, numa redução na área plantada, em favor de outras culturas mais rentáveis.

Simultaneamente, o estado de São Paulo, cuja área algodoeira apresentou uma redução de 2,5%, deverá este ano obter uma safra de cerca de 517 mil t de algodão em caroço.

Desta forma, caso as condições climáticas permaneçam favoráveis, a atual safra meridional de algodão deverá chegar à casa das 1,315 milhão de t de algodão em caroço (ver Quadro 1).

Quanto à redução esperada no rendimento médio da região Centro-Sul, esta pode ser atribuída a uma menor utilização de fertilizantes e à concentração do plantio num período mais reduzido, devido à seca ocorrida nos meses de setembro e outubro de 1981. Isto fará com que a colheita se concentre, também, num período menor, o que poderá ocasionar problemas de disponibilidade de mão-de-obra, contribuindo, ainda mais, para uma menor produtividade.

Quanto à safra nordestina de 1982, esta deverá ficar entre 110 e 120 mil t, caso não ocorra uma nova seca, como a que reduziu a safra 1981 a 109 mil t. Na ocasião, esperava-se uma produção de 130 a 150 mil t de algodão em pluma. Vale ressaltar que, das 109 mil t de algodão em pluma colhidas na safra 1981, apenas uma pequena parte foi comercializada, aproximadamente 25 mil t. Do restante, uma parte encontra-se com a CFP e a maior parcela ainda está nas mãos dos maquinistas, à espera de mercado (algo em torno de 80 mil t).

É interessante notar que o preço pago pelos maquinistas aos produtores foi superior ao preço mínimo fixado pela CFP para a região Nordeste*. Preço mínimo, aliás, já acima do que estava sendo praticado no mercado do Centro-Sul durante 1981, o que, naturalmente, impediu que esse algodão pudesse ser adquirido pela indústria local. Assim, a indústria preferiu comprar sua matéria-prima no Centro-Sul, pois, além do preço ser bem menor, a qualidade dos algodões daquela origem é bem mais homogênea, o que aumenta substancialmente o rendimento industrial da fibra.

Desta forma, considerando que o consumo de algodão, em 1981, deverá ter sido de 540 mil t (pluma),

* Deve-se salientar que, de acordo com os dados da Secretaria de Agricultura do Paraná, a área plantada com algodão no estado teve uma expansão este ano de cerca de 18%. No entanto, os dados divulgados pela CFP revelam uma expansão de apenas 2% na mesma área. Para o estado de São Paulo, os dados são também conflitantes, pois, segundo o IEA, a área plantada com algodão na safra 1980/81 teria sido de 259,3 mil ha, ao contrário dos dados da CFP que revelam uma área de 303 mil ha para a mesma safra. Quanto à safra 1981/82, segundo o IEA, teria havido uma redução de 13,6%, embora os dados da CFP revelem uma redução de apenas 2,5%.

* Embora o preço mínimo da região tenha sido estabelecido num patamar bem elevado, os maquinistas, com a quebra da safra e, procurando não perder seus fornecedores, acabaram pagando um preço acima do preço mínimo.

QUADRO 1

BRASIL – Produção e Área de Algodão da Região Centro-Sul
Safras 1969/70-1981/1982

Anos	Paraná		São Paulo		Minas Gerais		Goiás		Mato Grosso[1]		Brasil	
	Área (1.000 ha)	Produção (1.000 t)	Área (1.000 ha)	Produção (1.000 t)	Área (1.000 ha)	Produção (1.000 t)	Área (1.000 ha)	Produção (1.000 t)	Área (1.000 ha)	Produção (1.000 t)	Área (1.000 ha)	Produção (1.000 t)
1969/70	447,4	525,8	702,0	743,2	163,5	98,2	42,5	52,1	57,2	52,2	1.412,6	1.471,5
1970/71	402,2	500,9	605,0	605,0	148,0	75,6	66,4	88,0	64,0	66,0	1.285,6	1.335,5
1971/72	354,9	519,7	630,0	644,8	174,9	111,1	218,5	301,9	67,4	64,4	1.445,7	1.641,9
1972/73	293,5	419,9	430,0	622,0	157,9	105,5	151,6	159,5	72,8	73,3	1.105,8	1.380,2
1973/74	310,0	480,5	395,6	519,4	98,0	60,7	65,1	82,0	45,4	45,7	914,1	1.188,3
1974/75	267,0	377,7	368,0	489,6	108,2	84,5	37,7	60,3	90,2	92,1	871,1	1.104,2
1975/76	181,4	280,9	223,3	332,4	93,6	42,9	24,6	44,2	51,0	60,7	573,9	761,1
1976/77	290,4	416,5	300,1	483,8	116,1	91,8	73,1	85,5	68,4	89,5	848,1	1.167,1
1977/78	290,0	309,4	345,1	358,5	121,3	83,6	66,0	54,1	45,6	43,4	868,0	849,3
1978/79	285,0	468,8	283,6	507,3	99,2	69,0	35,1	61,0	45,8	71,0	748,7	1.177,1
1979/80	336,7	565,0	256,3	467,0	90,0	67,5	31,0	60,8	44,0	64,4	758,0	1.224,7
1980/81	305,8	581,0	303,0	560,5	103,0	81,98	38,0	71,4	47,0	56,0	796,8	1.350,9
1981/82[2]	328,5	591,3	295,5	517,2	96,0	72,0	35,0	65,8	47,0	68,6	802,0	1.315,0

[1] Os dados relativos à área e à produção, a partir da safra 1978/79, referem-se a Mato Grosso do Sul.
[2] Estimativa preliminar.
FONTE: DERAL (Paraná); IEA (São Paulo), CFP (para os anos de 1980/81 e 1981/82).

em 1º de março do ano corrente deverá existir um estoque remanescente da safra 1980/81 de aproximadamente 140,6 mil t, o que, somado às 467,1 mil t da região Centro-Sul, mais as 110/120 mil t da safra nordestina, perfaz um total de 717,7/727,7 mil t de algodão em pluma (ver Quadro 2).

O consumo interno, concomitantemente, deverá, este ano, experimentar um aumento em relação a 1981, ultrapassando talvez o de 1980, quando 573 mil t de algodão em pluma foram consumidas pela indústria têxtil do país. Ao que tudo indica, este deverá ser um ano bem melhor para a indústria do que o foi 1981, principalmente porque os estoques, a esta altura, já estão em um patamar extremamente baixo. Em

QUADRO 2

BRASIL – Balanço Oferta-Demanda de Algodão em Pluma – Safras 1980/81 e 1981/82
(1.000 t)

Discriminação	Safra 1980/81[1]	Safra 1981/82[2]
Estoque inicial	115,0	140,6
Produção da safra meridional	485,0	467,1
Produção da safra nordestina	109,0	120,0
Importações	1,6	–
Oferta total	710,6	727,7
Consumo interno	540,0	580,0
Exportações	30,0	–
Demanda total	570,0	580,0
Estoque regulador	90,6	96,6
Excedente exportável	50,0	50,5

[1] Dados provisórios.
[2] Estimativa inicial.
FONTE: CFP, Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem do Estado de São Paulo.

1981, ao contrário, este nível era bem elevado, tanto no segmento industrial como no de confecções.

Foi justamente esta queima de estoques que quase paralisou a indústria, durante o período de abril a setembro do ano passado, refletindo-se numa queda no preço do algodão e numa redução significativa no nível da atividade industrial. Vale lembrar que, além dos estoques elevados, também as altas taxas de juros praticadas no mercado financeiro contribuíram sobremaneira para este quadro, na medida em que, ao tornarem muito caro o dinheiro, impossibilitaram que o nível de compras fosse maior, obrigando tanto o setor industrial, como o de confecções, a trabalharem com um mínimo possível de matéria-prima estocada.

Desta forma, em 1981, não foi apenas a queda no consumo final de têxteis, estimada em 10%, a responsável pela crise porque passou o setor durante o segundo e o terceiro trimestres do ano mas, principalmente, os estoques que existiam e que, devido ao elevado custo do dinheiro, precisaram ser eliminados, liberando, deste modo, recursos para o capital de giro das empresas. A que-

da na produção têxtil brasileira, estimada em aproximadamente 10%, também não ocorreu de forma generalizada, havendo, inclusive, segmentos que apresentaram uma pequena expansão, como é o caso do setor produtor de índigo. Dentre os segmentos que mais sofreram com a crise, pode-se citar o de fios e tecidos para vestuário, cuja queda na produção deve ter chegado a quase 20%.

Quanto às exportações de têxteis, ao contrário do que se esperava, estas devem ter superado os US$ 830 milhões conseguidos em 1980, pois, até outubro, o único item a apresentar uma pequena queda era o de "tecidos e artigos de malharia", cujo valor exportado, em 1980, foi de US$ 63 milhões, representando apenas 8% do total exportado naquele ano.

A boa performance das exportações brasileiras de têxteis, em um ano de acirrado protecionismo e de recessão econômica mundial, deve-se, em grande parte, aos baixos preços do algodão praticados em 1981 no mercado interno. Cabe destacar, igualmente, a disposição dos exportadores de escoarem a maior parte possível de sua produção, numa tentativa de manterem o nível de atividades e de se beneficiarem do crédito-prêmio, cujo programa inicialmente definido pelo governo previa, já em janeiro, uma redução de 15% para 9,0% da alíquota.

A boa safra de algodão meridional 1980/81 e os baixos preços praticados no mercado internacional, resultaram numa oferta folgada em nível interno, na medida em que, mesmo com os incentivos dados às exportações do pluma, estas foram praticamente nulas, só se conseguindo vender ao exterior cerca de 30 mil t, já em meados do ano. Assim, a tendência dos preços da fibra foi a de ficarem estáveis nominalmente (ver Gráfico 1) possibilitando à indústria praticar preços mais atrativos.

Deve-se ressaltar que, dentro do sistema de quotas dos acordos mantidos pelo Brasil com a CEE e os Estados Unidos, a melhora com relação às exportações para aquele último país foi sensível. Já no mês de julho, (o acordo termina em 31/03/82) o país havia exportado 12% da quota de fios, 24% da de tecidos e 8% da de confecções, o que lhe deverá garantir uma penetração maior no mercado norte-americano, em 1982.

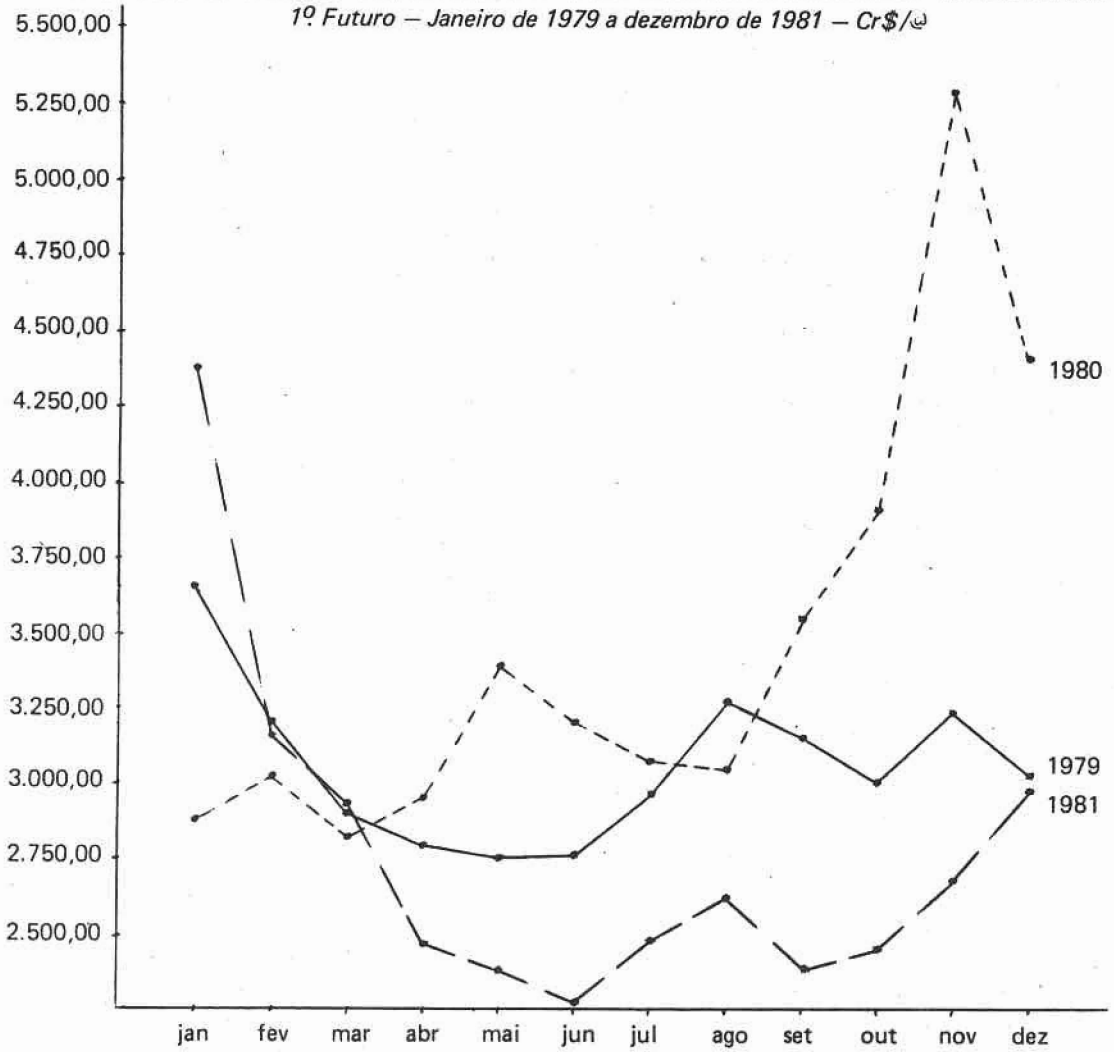
Quanto à Comunidade Econômica Européia, já em outubro haviam sido preenchidos 91% da quota de fios, 25% da de tecidos de algodão, 72% da de tecidos de algodão cru, 103% da de tecidos de poliéster/algodão, 40% da de confecções e 40% da de roupas de cama e mesa. Considerando-se, ainda, as exportações ocorridas em novembro e dezembro, é bem provável que as vendas externas tenham aumentado mais um pouco, propiciando ao país o preenchimento quase completo de suas quotas para o mercado europeu.

O cumprimento das quotas pelo Brasil constitui-se em um fator de grande importância, principalmente num ano em que os acordos bilaterais (que serão negociados nos próximos meses) deverão levar em consideração o preenchimento, ou não, das quotas vigentes em 1981/82, conforme foi acertado na renovação do Acordo Multifibras em final de dezembro. Pelo novo acordo, o país que não tivesse conseguido preencher sua quota de determinado item, teria sua nova quota baseada num aumento de 10% sobre o que foi efetivamente exportado, embora conste também do novo texto que os detalhes teriam que ser acertados entre as duas partes, havendo, desta forma, alguma compensação para o país exportador que tivesse sua nova quota reduzida.

Dentro do novo Acordo Multifibras, o Brasil não deverá ter grandes dificuldades em aumentar suas exportações em 6%, taxa de crescimento anual, que foi mantida para vigorar até julho de 1986, quando expira o atual compromisso. De acordo com a ótica dos países importadores, os principais causadores da grave crise que atinge as indústrias têxteis locais, são os países asiáticos – Hong Kong, Formosa e Coréia do Sul, principalmente – cujas exportações penetram em seus mercados a preços competitivos, impedindo, assim, que os produtos domésticos sejam mais larga-

GRÁFICO 1

ALGODÃO EM PLUMA – Preços Reais[1] na Bolsa de Mercadorias de São Paulo – Médias Mensais – 1º Futuro – Janeiro de 1979 a dezembro de 1981 – Cr$/@



[1] Preços corrigidos pelo IGP (col. 2) para Cr$ de dezembro de 1981.
FONTE DOS DADOS BRUTOS: Bolsa de Mercadorias de São Paulo.

mente consumidos. Quanto ao Brasil, devido a sua relativa pouca importância neste mercado, não deverá ter maiores dificuldades para conseguir garantir as fatias que atualmente detém.

Em última análise, as exportações brasileiras de têxteis, em 1982, vão depender, basicamente, dos preços internos e externos do algodão e de como se comportará a economia mundial neste ano. Sabe-se, por outro lado, que as perspectivas dos preços do algodão, nos níveis interno e externo, são de estabilidade, pois a safra meridional, a ser colhida nos próximos meses, deverá ser um pouco menor do que a passada, porém, existe um estoque remanescente de dimensões significativas, que deverá propiciar a estabilidade dos preços. Para que este quadro de suprimento folgado, em 1982, fosse modificado e os preços do algodão se apresentassem em alta, deveria ocorrer um fenômeno climático capaz de reduzir significativamente a produção ou, então, configurar-se um mercado externo comprador, que viabilizasse as exportações brasileiras de algodão em pluma. O mercado internacional, porém, deverá continuar praticando preços inferiores aos de 1980, seguindo a tendência do ano passado, devido ao crescimento da produção mundial de algodão e às perspectivas de um consumo situado nos mesmos níveis de 1980.

Vale ressaltar que, dentre os principais países produtores, os EUA estão colhendo, em 1981/82, uma safra recorde, o que, desde meados de 1981, vêm pressionando as cotações internacionais para baixo. A queda acentuada nos preços do algodão, no mercado norte-americano, atua de maneira a viabilizar as exportações daquele país, devido à valorização do dólar, frente às moedas dos países importadores. No entanto, tem obrigado o governo dos EUA a adquirir quantidades adicionais de algodão, dentro do sistema de garantia de preços ao produtor. Esta situação poderá, já na safra 1982/83, forçar o governo daquele país a tomar medidas de incentivo à redução da área plantada com a malvácea, o que resultará em elevação posterior dos preços da fibra. Até o momento, porém, nenhuma medida concreta foi divulgada neste sentido pelo USDA, prevalecendo, assim, as estimativas iniciais de preços estáveis, nos níveis praticados atualmente (ver Gráfico 2).

Desta forma, a prevalecerem as atuais cotações do algodão, tanto interna como externamente, pode-se prever que as exportações de têxteis brasileiros deverão, em 1982, apresentar um aumento significativo, pois, além dos preços atrativos da sua principal matéria-prima, há, ainda, o novo programa de redução do crédito-prêmio, que garante ao exportador uma forma de praticar preços mais competitivos no mercado externo, durante este ano.

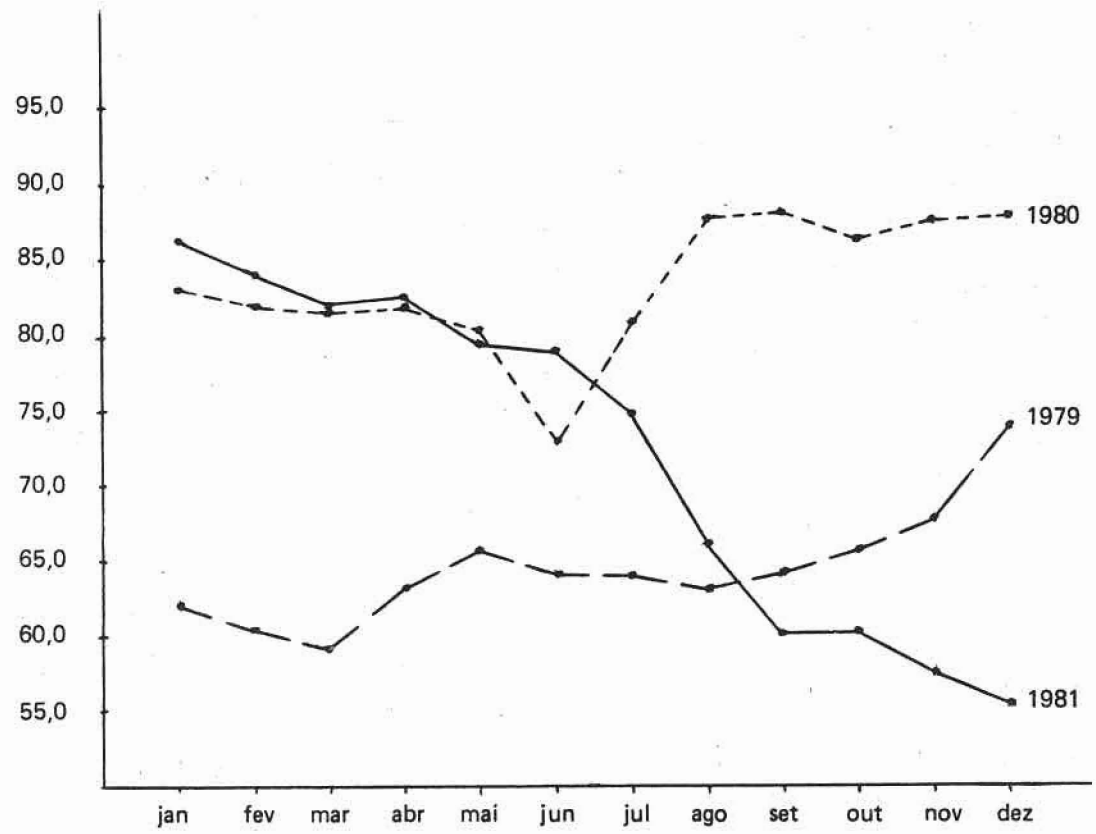
Finalmente, resta saber se o preço mínimo, de aproximadamente Cr$ 935,02/@, a ser praticado a partir de fevereiro, garantirá ao produtor uma remuneração mínima, que lhe permita manter na safra 1982/83 a mesma área plantada com algodão. Vale lembrar que este preço é superior ao preço mínimo da safra 1980/81, que foi de Cr$ 912,38/@ e inferior ao preço recebido pelo produtor em fevereiro de 1981, que foi de Cr$ 1.225,00/@ * (preço real recebido pelo produtor do estado de São Paulo).

Desta forma a remuneração do produtor em muito vai depender da produtividade alcançada nesta safra, uma vez que os preços de mercado deverão situar-se um pouco acima do preço oferecido pela CFP. Assim, em estados como o Paraná, onde a produtividade tem sido crescente, é bem provável que, mais uma vez, o produtor consiga auferir um preço remunerador. Outro fato que irá influenciar a decisão de plantar do cotonicultor será a remuneração conseguida pelos produtores das principais culturas concorrentes, ou seja, o milho e a soja. Parece, porém, que as perspectivas de preços para estas duas culturas também não são muito favoráveis, não havendo, deste modo, grandes possibilidades de redução na área de algodão em favor de alguma delas, no próximo plantio de verão.

* Preço mínimo e preço recebido pelo produtor, corrigidos pelo IGP (col. 2) e projetados para janeiro/1982, considerando-se um IGP em janeiro de 5,0%.

GRÁFICO 2

ALGODÃO – Cotações no Mercado de Memphis (spot) – Médias Mensais, de Janeiro de 1979 a Dezembro de 1981 – US¢/libra-peso



FONTE: Unicom News.